

TRIBUNA Livre

1
Dezembro
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

PAULO BARBOSA DE MACEDO
DIRECTOR: ANTONIO JOSE DA COSTA
COMISSÃO: JOAO BARBOSA DE MACEDO
COMUNICADORA: IRMAO BARBOSA DE MACEDO
Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 — AMARES

Quousque tandem, Catilina?

Quousque tandem, Catilina, abutere patientia nostra? — Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?

Até quando...?

Perdeu-se o respeito à dignidade e ao bom-senso, o raciocínio não sabe discernir entre o sensato e o imprudente, caminha-se na vereda do dislate.

Para resolver uma futilidade envolve-se uma das mais respeitadas Corporações, desprezando a inteligência dos

seus homens que, forçosamente, tinham de compreender, sem demora, como compreenderam, a frivolidade e insignificância do caso.

Nós diremos mais: não havia sequer caso algum, a não ser na cabeça de algum general sonhador, em noite de insónia.

Abramos um parêntese para louvar os homens dessa Corporação pela superioridade dos seus actos e digamos que

isso nos não surpreendeu por os termos na conta de homens bem formados servindo um Estado de realizações sérias.

Ironia: a façanha surge sarcástica no preciso momento em que vínhamos a dizer que isto vai de mal a pior, como a desafiar-nos para arranjar frase mais significativa.

Já não há quem possa sus-

(Continua na 4.ª página)

D. Frei Bartolomeu dos Mártires

O grande Arcebispo da Mitra Bracarense, defensor eminentíssimo, no Concílio de Trento, da Primazia de Braga

«No século XVI, não fomos somente grandes na terra e no mar, fomos também no domínio das ciências teológicas»

Falar deste arcebispo é ter o máximo prazer de lembrar uma altíssima figura da igreja de Portugal do sec. XVI.

Acreditamos, que muito em breve, seja canonizado, este grande modelo dos arcebispos da mitra Bracarense, que sempre visitava toda a arquidiocese, ainda os lugarejos mais escondidos e inacessíveis e muitas vezes visitou estas terras de Entre Homem e Cávado. Ainda hoje se conserva, em bom estado, na freguesia de Sequeiros, uma das cruces paroquiais por ele oferecida a várias freguesias da sua arquidiocese.

— Narra-nos a história de Portugal, que D. Afonso Henriques, depois de ter ganho aos mouros a maior parte das terras deste reino, tinha por afronta sua, possuir Lisboa, que só por si era outro reino; e resolutos em a conquistar, ou

deixar a vida na empresa, juntou todas as forças, e quando menos era esperado entra pela comarca de Lisboa, levando a ferro e fogo tudo quanto se lhe opunha e brevemente foi senhor de toda a terra até aos muros da cidade.

Não eram passados muitos dias, depois de tomado o Castelo de Cintra, quando amanheceu sobre a doca um grosso número de velas que cobriam o mar.

Mandados reconhecer aqueles que vinham nelas, um bom exército composto de várias nações: franceses, alemães, ingleses e flamengos, que passavam à conquista da Terra-Santa, gente bem armada, e determinada a dar a vida pela honra da fé. Era general da armada Guilherme, príncipe francês da casa de Anjú, bem celebrado na história daquela

(Continua na 5.ª página)

O TOPÓNIMO "BOURO"

Com pedido de publicação, recebemos do autor da Monografia o seguinte:

— Satisfação ao Leitor —

O étimo *Boarium* e não a variante *bovarium*, que escolhi para *Bouro*, não é da minha lava, que não produziu ciência nova nem me atribuo tal competência.

Quando o colhi, de cor, de qualquer fonte autorizada, estava longe de pensar que o considerassem inovação e lhe estranhassem a falta de marca de origem, por compreender que onde eu leio, lê qualquer curioso.

Seria em Alberto Sampaio? Em Gama Barros? A memória já não me corresponde ao que era para desejar.

Lembro-me que a par de *Boarium* para *Bouro*, fixei *Capraria* de *Capra*, para *Cabreira*, *Ripuarria* ou *Riparia* = *Ribeira*, *Venaria* de *venari* = caçar — terra abundante de caça — para *Vieira* e não *Vernaria* como tem por legenda no respectivo brasão, *mannum* de *mannus-i* = potro ou poldro, cavallinho, para o vocábulo

(Continua na 4.ª página)

Colaboração de Vila Verde

Continuamos muito gratos pela colaboração que nos está a ser enviada pelo muito Digno Delegado no Concelho de Vila Verde, e ficou-nos grande pena por não podermos inserir neste número, como nos pede, o noticiário que nos foi enviado, por absoluta falta de espaço na altura em que recebemos os originais, ou seja, na quinta-feira, à noite. Recomendamos com todo o empenho que nos sejam enviados os elementos a tempo de os podermos publicar em lugar de destaque, como é nosso desejo.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

• • •

Consistia, por vezes, em dar aos reis e aos bispos a melhor joia ou móvel que ficasse aos reguengueiros encaçados.

Este tributo já provinha dos *mortórios* ou *mortulhas*, que eram a quarta, terça ou metade dos bens dos falecidos, pagas aos bispos e aos párocos. Destinava-se a compensar a igreja por qualquer fraude no pagamento dos antigos dízimos, cometida por ignorância ou esquecimento.

Pinho Leal diz que foi Manuel Machado de Azevedo, senhor de Entre-Homem e Cávado, que extinguiu aqui as ltuosas, mas parece que seria muito antes, isto é, no reinado de D. Dinis.

Ficou a quarta-funeral paroquial que ainda há bem pouco tempo subsistia em certas freguesias, paga em oblatas ou oblações.

Por *senarias* entendiam-se certas propriedades e direitos das igrejas, de que pode considerar-se como remanescência o passal, anexo à residência paroquial.

Havia ainda casais *subregâneos*, quer dizer, sobre que incidia o foro de um leito.

Nesta barafunda de foros e dádivas encontram-se curiosidades deste género: "... *et pro directuris unam spatulam cum duobus nabos*, ... *unam gallinam cum X. ovis*..." que faz sorrir do espírito de certo modo facetado e galhofeiro do tempo.

Calumpnia ou *Coima* era a satisfação, pena ou multa que se levavam pela injustiça, injúria ou afronta cometida. Corresponhia primitivamente ao grito de *caritel* (hoje quereia, creia). Era o grito de socorro, alarme, antes do estabelecimento da monarquia; depois, a ninguém era lícito gritar senão «aqui d'el-rei»; hoje é «oh da guarda» e parece que também tem a sua história.

No decurso dos séculos a grande maioria de semelhantes foros foi remida ou amortizada, donde a expressão de *foro morto*.

Os *bens das ordens*, que cresceram assustadoramente aos olhos dos primeiros monarcas, e por meios muito naturais como este de que dão prova os textos das Inquirições: "... *dixerunt que Fernandus Alfonsi tradou se in Boyro et deu li sua herdade foreira et non faz foro al Rey*..."

Com efeito, passando em revista esses mesmos tex-

(Continua na 6.ª página)

Reflexos de uma má administração

A nossa luz pública e outras coisas esquecidas

Por Paulo B. Macedo

Acaba de cometer-se mais um acto de vandalismo, ao ser danificada a mangueira de uma bomba de gasolina, que alguém cortou durante a noite, quando a luz pública foi apagada, precisamente na altura da noite que ela era mais necessária. Outros actos deste género tem havido, sobretudo no Largo Dr. Oliveira Salazar (Feira Nova), desta vila, de que têm sido vítimas o comércio, pelo mesmo motivo de poderem

campear à vontade os malfetores, logo que se apagam as pouquíssimas lampadas que ainda restam neste esquecido Largo. Sem luz nem policiamento, fica o centro mais comercial e industrial do concelho, sujeito aos maiores abusos, desordens e roubos. Mas o mal agrava-se porque, a continuar assim, dentro em pouco deixaremos de ter luz pública, simplesmente, visto os globos existentes estarem a ser eliminados e outros

não dão luz.

Quando a avaria é maior a Câmara manda cortar o mal pela raiz: os postes desaparecem e não são substituídos por outros.

Várias petições têm sido feitas para que a meia dúzia de lâmpadas do referido Largo, que ainda restam, fiquem acesas, pelo menos no inverno, até ao amanhecer; e já várias vezes este semanário criticou a intran-

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

EDITORIAL

Muita parra e pouca uva...

Começarei por advertir o leitor que respeito a sua ideia, seja qual ela for, que de algum modo tenha formulado acerca do filme italiano *Filhos de Ninguém*. Respeito-a somente, pois que com isto não quero dizer que eu pense e formule meus juízos pelas mesmas correntes discursivas que o leitor achou por bem tomar como elementos de aquisição para um conhecimento imediato do valor e da verdade que o filme lhe transmitiu e a história diretamente o convenceu. O drama, tal qual está posto, tal qual se desenvolve, amachucou-lhe o coração, espremeu-o—fê-lo certamente sofrer durante toda aquela onda encrespada de fatalismo, de sentimentos tão sublimes como risos mestofélicos que abriram entre duas almas um abismo de intriga e de soledade. De remorso e de esquecimento. Entre a mãe e o filho, e entre o filho e a mulher amada.

Corolário: um fruto de amor, mas sem pátria e sem bandeira. Isto é: sem mãe e sem pai. Filho de ninguém!

À primeira vista a história exerce sobre nosso espírito uma espécie de evidência racional, em que a clarividência intuitiva, simples e axiomática, dispensa qualquer discussão, por desnecessária.

Todavia, o filme falha em valor, em verdade, em concepção. Tudo é fictício, feito a impressionar e, por conseguinte, a esconder os alinhavos dum problema que começou por ser bem posto e que derivou para uma conclusão de romance de cordel, folhetinesco...

Colocasse-se a tese unicamente no plano social e sustentasse-se a proposição impugnadamente com o preconceito burguês que o filme tão insossamente faz eco, que *Filhos de Ninguém*, perante a Universidade Humana, tornaria mestre o candidato à licenciatura.

Mas, como já disse, a coisa derivou para uma dramatização doentia e desfigurada de valor e verdade.

Houve quem dissesse que o filme era *neo-realista*... Não me admirei. Hoje tudo é *neo-realista* na voz de quem quer. Há falta de substância em muitos bestunços. Lê-se e ouve-se. Não se procura saber, ao certo, o que é realismo ou *neo-realismo* no cinema. Para muitos, o cinema realista está na quantidade das lágrimas que a artista verteu e fez verter. Na dor que a enlaça e nos comprime também. Todavia, isso não constitui o cinema *neo-realista*. É, quando muito, impressionante a maneira como a artista chora, a dor que nos comunica. Há até quem afirme ser este ou aquele actor um *neo-realista*! Como se ele houvesse algum actor *neo-realista*! Será possível deduzir-se duma forma estética, duma doutrina artística, como é o *neo-realismo*, um actor *neo-realista*?

E o pior é que tudo quanto cheira a escândalo e a pecado é logo *neo-realista* ou, então, basta o filme ser italiano e fazer chorar para o ser também. Por isso, disseram do *neo-realismo* em *Filhos de Ninguém* como podiam ter dito outra coisa qualquer—se essa coisa qualquer estivesse na ordem do dia.

Muitos, levados na onda, foram ver o filme de Raffaello Matarazzo e, como certamente sucedeu com *Ana*, vieram de lá amachucados e, claro está, dando vivas ao *neo-realismo* mesmo sem decotes e por aí fora—esquecidos, no entanto, do *neo-realismo* já patenteado no cinema não sonorizado, em muitos filmes documentaristas britânicos, em Renoir, etc. Esquecidos, afinal de contas, de que o *neo-realismo* não «é um movimento estritamente cinematográfico e muito menos italiano».

O leitor quer ficar com uma ideia exacta do *neo-realismo*? Olhe: viu *Ladrões de Bicicletas*? Pois então tem aí um filme que é o ponto mais alto do *neo-realismo*, como disse Gandin, *Viver em Paz e Sem Piedade* são também obras perfeitas dessa escola. Se viu estes filmes, pense um pouco e saiba distinguir a verdade da mentira.

Para ficar com uma concepção de *realidade* no cinema, citar-lhe-ei somente este pensamento de Rabindranth Tagore: *A realidade, com o seu sentido mal interpretado e a ênfase mal colocada, não é senão a ficção*.

Mesmo escrito para dizer tudo sobre *Filhos de Ninguém*.

Raffaello Matarazzo é um cineasta de histórias banais, —que os seus filmes nada mais são que o contar as histórias. Faz filmes e conta histórias para entreter o público.

Mesmo em *Mentira e Repudiada* ele não foi além da mediania. Dele esperamos ver *Regresso ao Lar*, *Tortura*

Referências pessoais..

Mitzi Gaynor e Carol Ohmart

Duas das mais lindamente curvilíneas estrelas são Mitzi Gaynor e Carol Ohmart. Desse duo, Mitzi é mais conhecida dos *fans* cinematográficos. A talentosa dançarina, cantora e actriz tem feito dez filmes durante os últimos anos. Carol, por seu lado, faz a sua estreia na tela este ano em um papel principal no filme da Paramount «A Hora Escarlata» (The Scarlet Hour).

Mitzi está no momento enfeitando as telas do mundo em duas produções da Paramount «*Maravilhas Em Desfile*» (Anything Goes), no qual ela é a estrela de Bing Crosby e Donald O'Connor e «*O Otário E A Vigarista*» (The Birds And The Bees), filme no qual ela está de parceria com o cómico por excelência da televisão

americana, George Gobel. Esses dois musicais em VistaVision e Technicolor vão exibi-la aos nossos olhos dançando, cantando e nos emocionando em certos momentos.

Carol, que foi «descoberta» quando dançava e cantava numa peça da Broadway, tem um papel altamente dramático no drama de mistério, da Paramount «A Hora Escarlata», no qual ela é uma jovem inescrupulosa. Com ela veremos dois jovens recenhegados a Hollywood, tal como ela, Tom Tryon e Jody Lawrence.

Mitzi e Carol, que são altas, elegantes e bem proporcionadas, são esportivas de coração, e aqui as vemos, trajando roupas de praia que, estamos certos, devem ter causado grande sensação à beira-mar...

Crónica de Hollywood Os alpinistas...

Spencer Tracy e Robert Wagner estão contando a todos o que lhes aconteceu em Chamonix. Estavam eles nos Alpes Franceses, à sombra do célebre Monte Branco para a filmagem da produção da Paramount *The Mountain* quando resolveram fazer uma ascensão preliminar através de

neve e gelo, em treinamento para os seus papeis de escaladores de montanha que têm nesse filme.

Depois de grande luta e sacrifício atingiram uma altitude que julgaram estratosférica na branca desolação alpina, e exaustos pararam para descansar. Bob assestou

ue Mãe e Almas em Pecado para concluirmos definitivamente sobre a sua obra.

O entusiasmo à volta de *Filhos de Ninguém*, depois de tudo quanto disse, é coisa que se assemelha a muita parra com pouca uva...

Joaquim Monteiro (Jorge)

Mais um grande papel para Spencer Tracy

É muito possível que Spencer Tracy tenha procurado contar carneiros antes de conciliar o sono no passado, mas nunca pensou que chegasse o dia no qual ele se visse obrigado a pastorear esses simpáticos animais.

Mas foi exatamente isso o que aconteceu no local de um rústico distrito agrário no Vale de Chamonix, sombreado pelos Alpes Franceses, onde a Paramount filmou «A Maldição Da Montanha» (The Mountain).

Spencer, com cajado, cão pastor e carneiros, era uma visão realística ao passo que caminhava lentamente pelos campos.

É para completar a ilusão, muito típico do ator perfeccionista que é ele, Spencer Tracy passou uma manhã inteira na companhia de um autêntico pastor francês observando suas acções e aprendendo o seu modo de falar e expressões, como usava o seu cão e tangia os carneiros.

Mas ao cabo do fatigante dia de filmagem, Spencer venceu-se de uma coisa:

É melhor contar carneiros por insónia do que apascentá-los...

sua câmara sobre Spencer que, encarapitado em uma rocha, mastigava damascos e ameixas secas, o alimento clássico dos alpinistas.

«Aposto que ninguém jamais atingiu essa altura», disse o jovem cheio de orgulho e entusiasmo, «quero imortalizá-los...»

(Continua na 4.ª página)



Bing Crosby e Mitzi Gaynor

Fornecem um quadro atraente contemplando juntos um transparente negativo em kodachrome, num intervalo do filme da Paramount «*Maravilhas em Desfile*», filme em Technicolor, musicado e em VistaVision. Foto (Paramount)

TRIBUNA do CONCELHO

Observações

As comunicações em Lago

Foi estudado o projecto e feita a planta de uma estrada que, do lugar do Bico, da freguesia de Lago, Amares, atravessando todo o lugar da Ribeira, conduziria à igreja paroquial. Na intenção dos promotores desta tão bela e útil obra está a ideia de continuar a referida estrada pelo lugar de Fonte Covas até Rendufe; e, depois, até às curvas de São Vicente do Bico, na estrada para Caldelas. Nenhuma pessoa bem intencionada pode negar o valor económico, e até, mesmo, turístico, deste empreendimento. A primeira grande utilidade é para a gente da freguesia de Lago, embora possa - deva ser cômoda e útil ao povo de Rendufe, Bico, Fiscal, etc. e aos turistas e amadores da arte que, sem atrazar caminho, poderão visitar o convento de Rendufe e respectiva cêrca, seguindo depois a direcção que melhor lhes convier.

A freguesia de Lago é dividida pelo ribeiro em duas metades. Em tempos de chuva a passagem da metade Sul para a metade Norte, onde se encontra a igreja paroquial fica reduzida a um só caminho e este, deficiente. É o que vai do lugar do Paço à Igreja. Há dois meses faíceu um homem no lugar da Ribeira. Para ser conduzido a Dume, a pé, tiveram de passar com ele pelos lugares da Igreja e Paço. Se um médico de Palmeira for chamado a ver um doente no lugar da Ribeira tem de passar na Igreja. Se os habitantes do lugar do Bico quizeram vir à igreja paroquial têm de passar pelo lugar do

Paço. O mesmo acontece a quem pretender passar da igreja de Lago para Amares e Rendufe ou destas localidades para a igreja de Lago, em tempos de chuva. Compreendendo esta miserável situação o Sr. Dr. Carlos Teixeira de Sousa, proprietário da Quinta de Fonte Covas, apesar de de viver habitualmente no Porto, mandou compor, a expensas suas, o caminho de Lago a Rendufe, nos pontos mais difíceis, e prometeu dar todo o terreno que a estrada viesse a ocupar na sua quinta. Alguns dos proprietários com terras na Ribeira não pensam assim; querem a estrada a passar-lhes à porta, mas a ocupar o terreno dos outros. Lembrem-se senhores proprietários, que a estrada, valorizando os lugares que atravessa, compensa bem dos prejuízos das expropriações; e que o progresso e bem comum dos povos exige muitas vezes o sacrifício do bem particular. É muito feia a mesquinhez daqueles que se opõem ao progresso das populações e a dar trabalho aos desempregados, só para não cederem uns metros quadrados de terrenos, que, às vezes, lhes custaram bem pouco. As Ex. mas Autoridades e Entidades encarregadas dos Serviços de Urbanização, e a todos quantos de qualquer forma tenham influência nesta empresa, pedimos, em nome do progresso, do bom senso e do bem comum, que não impeçam a realização desta obra e colaborem para que se faça com rapidez e tendo sempre em vista o futuro.

J.F.

Besteiros

Deu entrada na Casa de Saúde de Amares, Maria de Almeida, viúva, proprietária, residente no lugar do Areal, desta freguesia, apresentando fractura de uma das pernas.

Esta fractura foi provocada com um violento empurão pela sua criada Maria Fernandes Lopes, viúva, residente no mesmo lugar e freguesia em companhia da ofendida e natural da freguesia de Adufe concelho de Braga.

Carrazedo

Depois de transaccionar a venda de uns castanheiros, envolveram-se em desordem, José Vilarinho de Carvalho, solteiro, António Joaquim Ribeiro, casado, Adelaide de Jesus Antunes, viúva, todos residentes no lugar do Monte desta freguesia, José Maria Coelho, casado, jornalista, residente no lugar do Outeiro, da freguesia de Baireiros e Alberto Cerqueira, casado, industrial, residente no lugar do Bário, da Vila de Amares.

Nesta contenda o Vilarinho agrediu o José Maria Coelho com uma paulada no couro cabeludo, produzindo-lhe um profundo ferimento, tendo de receber socorros na Casa de Saúde deste Concelho.

Dornelas

Apresentou queixa no Posto da G.N.R. deste concelho, Bernardino de Sena e Silva,

casado, proprietário residente no lugar do Carvalho, desta freguesia, contra Francisco Foz, casado residente no lugar de S. Sabastião, da freguesia de Figueiredo e Laurinda Rosa Lopes, casada, doméstica, residente no lugar da Motrena, desta freguesia.

O Francisco é acusado de tentativa de furto a uma sua propriedade e ainda de proferir palavras ofensivas da moral pública, e a Laurinda como cúmplice do arguido Francisco.

Amares

No lugar da Ponte do Porto, freguesia de Prozelo, foi autuado pelo Comandante do Posto da G.N.R. deste Concelho, Antero da Silva, casado, residente no lugar de Paços desta Vila, quando procedia ao exercício da caça acompanhado de dois cães, os quais não estavam vacinados e o Antero possuía umas vacinas que tinham sido arranjadas por viciação.

Aniversário

Salvé o dia 30-11-1956

Completo nesta data o seu 3.º aniversário, a menina Maria Eduarda Antunes Ribeiro Fernandes, filha do Senhor António José Fernandes e da Senhora Maria de Fátima Antunes Ribeiro, residentes no Largo do Terreiro, em Bouro «TRIBUNA LIVRE», num protesto de sincera amizade, deseja que esta data se comemore por longos e felizes anos.

Bouro

Assuntos da Junta de Freguesia

Pela junta desta freguesia, foi feita uma exposição ao Ex. mo Sr. Director Geral da Companhia dos Caminhos de Ferro, solicitando desta entidade a instalação duma Central de Caminho de Ferro, nesta freguesia, o que na verdade se torna muito necessário não só para esta, como também para os restantes freguesias circunvizinhas.

Estamos certos que aquele senhor não deixará de atender a nossa pretensão, pois talvez que uma Central aqui tenha mais movimento de qualquer outra instalada no concelho bastando para isso dizer, que Bouro é a freguesia mais populosa do concelho, muito desenvolvida em comércio e indústria e a Central mais próxima, pela qual nos utilizamos fica à distância de 12 Kilómetros.

Confiados que tudo venha ao encontro dos nossos desejos, aguardamos.

C.

Vida elegante

Aniversários

No passado dia 26—o Sr. António José da Costa Machado.

Hoje—A menina Maria Amélia Oliveira Arantes.

Domingo—A menina Maria José Antunes.

Segunda-feira—os Srs. Paulo Barbosa de Macedo e Mário António Ramos de Azevedo.

Terça-feira—O Senhor Artur da Cunha Cruz.

Quarta-feira—o Sr. P. e Luis João Antunes de Almeida.

Rendufe

Grémio da Lavoura

Sob a presidência do sr. António Azevedo, reuniu o Conselho Geral do Grémio da Lavoura para aprovação das contas da gerência do ano corrente e do orçamento para 1957 e ainda para a eleição do presidente do Conselho Geral para o triénio futuro. Depois de observadas as formalidades legais procedeu-se à eleição sendo por unanimidade eleito o sr. Dr. Tomás de Andrade, abastado proprietário da freguesia de Basteiros, sendo de esperar do seu dinamismo e mocidade um bom continuador da obra encetada pelo presidente cessante, a quem os procuradores presentes manifestaram a sua gratidão.

Mártires da Hungria

Uma comissão de senhoras percorreu a freguesia para recolha de donativos para esse povo que acaba de sofrer horrores da barbaridade materialista. Foram bem recebidas, como é natural, por todas as pessoas de quem se abeiraram e oxalá que esse drama sangrento seja o epílogo da tragédia humana e os protagonistas ofereçam ao Mundo a felicidade que todos ambicionamos: a Paz.

Caixa Agricola

O belo edifício destinado à sede desta casa de crédito vai bastante adeantado e muito irá embelezar o largo Dr. Oliveira Salazar, onde se ergue debaixo da orientação do empenheiro sr. Eusébio Exposto.

C.

Nomeação

Junta de Provincia do Minho

Foi nomeado para o cargo de 3.º oficial da secretaria da Junta, depois de provas prestadas em concurso, o escrivão sr. Albino José Antunes de Araújo, que na respectiva lista de candidatos se encontrava em primeiro lugar.

Novos assinantes

Por intermedio do Sr. Jose Macedo Gonçalves, desta vila, tivemos a honra de inscrever como novo assinante, o irmão Domingos Lázaro Gonçalves, actualmente no Estado de S. Paulo, Brasil.

Gratos pela sua indicação.

De Lisboa, escreve-nos o nosso conterrâneo, da freguesia de Basteiros, Sr. Elisio Vieira de Macedo, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Já o inscrevemos, e conforme nos pede já lhe enviamos o presente número.

Tivemos a honra de inscrever como novo assinante o Sr. António José de Sousa, nosso conterrâneo, de Goães, mas actualmente no Porto, indicado por um seu conterrâneo. A ambos muito obrigados.

Bouro

Batizado

Recebeu no passado dia 27, na Igreja Paroquial desta freguesia, o Sacramento do Batismo, a menina Maria Loduvina Vilela da Silva filha do nosso particular amigo e assinante deste Jornal, Senhor Amandio Ferreira Vilela, residentes no lugar do Cano. Apadrinharam o acto, o Senhor Domingos Manuel de Campos e sua ex. ma esposa Senhora Maria Joaquina da Silva, da freguesia de Santa Marta.

Após o acto realizado, foi servido na residência dos pais, um luto almoço, a que assistiram alguns convidados.

«Tribuna Livre», felicita o citadão casal, apresentando-lhe os seus sinceros parabens.

C.

HUMORISMO

Pior que o inferno

Uma viúva consultou um médium que a colocou em comunicação com seu falecido marido.

—Pedro, disse a viúva, és feliz agora?

—Sou muito feliz, respondeu o espirito do marido.

—És mais feliz do que eras na Terra comigo?

—Sim, muito mais feliz.

—«Diz-me» uma coisa, Pedro como é o céu? perguntou a mulher.

—O céu?! exclamou ele. Mas não estou no céu!

Nada que passa pela boca...

Numa pensão barata, sem serviço à lista, o hóspede informa-se sobre o mesmo.

—Hoje—responde a empregada—temos batatas guisadas com lingua de vaca...

—Não me serve. Não como nada que tenha andado na boca dos animais, compreende?

—Então?

—Então traga-me em vez da lingua da vaca, por exemplo dois ovos...

Diálogo de bêbados

Dois bêbados entram num carro eléctrico.

Perto da porta vai um oficial de marinha.

Os bêbados tomam-no pelo revisor e apresentam-lhe os bilhetes. O oficial diz que não é o revisor e eles insistem.

—Já lhes disse que não sou o revisor.

—Você... não é o revisor?

—Não, eu sou oficial de marinha. Dizem então um para o outro.

E agora? Vamos depressa, que nos enganamos: isto é um barco!

POSTAL PARA ANGOLA

Ao meu neto

Já sei que és um bebé todo pacato,
Orgulho de teus pais e teus avós;
Sei também qu'eles vão o teu retrato
Enviar brevemente para nós.

Ansiosos esperamos o correio
No qual nos há-de vir o teu rostinho
Tão airoso e gentil, assim o creio,
Onde brilham teus olhos com carinho.
Nostálgicos os dias que passamos,
Infinitos, enquanto que aguardamos
O teu sorriso de perfeito anjinho.

UERBA

Reflexo de uma má administração

(Continuação da 1.ª página)

sigência da Câmara neste aspecto.

Temos o inverno à porta e apelamos novamente para que esta intolerável situação termine. Não nos podemos calar porque também não sabemos, por mais que indaguemos, de terra onde isto aconteça. Vimos de percorrer toda a costa africana e que inveja lhe temos neste aspecto!

Não basta que, sendo esta parte da Vila onde se realiza uma importante feira semanal, um importante festejo e de onde a Câmara leva as suas maiores receitas, não tenha o mais rudimentar mictório, o que prejudica a moral e higiene públicas, que não exista um lavadouro, insistentemente pedido e desejado, e que, entres outros desalinhos, na parte principal do Largo a lama nos vá, no inverno, até aos torrozelos?

Não será bastante este mal, agravado pelo preço proibitivo da água potável, que constitui verdadeiro escândalo, para ao menos, como municípios dos que mais pagam, nos ser dada a regalia mínima de termos luz pública nas horas mais perigosas da noite?

Ou quererá a Ex.ª Câmara que paguemos a luz nocturna por cotização?

Não seria de estranhar tal atitude, visto que os habitantes deste Largo, se quiseram bancos públicos, os tiveram de pagar com uma subscrição, também o jardim público foi feito pelo mesmo processo e para ser calçada uma parte do mesmo Largo vendeu a Câmara muitas toneladas de madeira de plátano, ou seja toda a proveniente das extensas alamedas que ladeavam a rua principal (estrada nacional) e arruado onde foi feito o melhoramento (parte nascente), madeira essa que rendeu muito mais.

Acresce que num dos lugares mais importantes toda a iluminação pública foi instalada pelos seus moradores.

Todas as iniciativas que partem desta azada terra, obtêm a mais viva e intransigente resistência das nossas autoridades municipais:

Citamos como exemplo, o campo de futebol, e o posto abastecedor de combustíveis que tanto embelezou o Largo. Entravaram-se ainda todas as influências para que se erigisse um monumento ao maior Homem de Letras do nosso concelho (custeado por particulares) e inutilizaram-se os passos dados para a construção dum bairro de renda económica, etc.

Já é azar!

Mas voltando ao assunto da iluminação, perguntamos que despesa dará à Câmara, manter acesas 6 lâmpadas desde a meia noite ao alvorecer?

Se a Câmara disser que é por economia, seremos obrigados a voltar aqui e enumerar o que tem desbaratado conscientemente, o que é mais grave. Convencemo-nos que é sobretudo desleixo, o qual tanto tem prejudicado a Câmara e os mu-

nicipes.

Vistas bem as coisas não admira que tudo isto aconteça por desleixo e por falta de assistência das duas principais pessoas responsáveis no mando e na execução, que não vivem no concelho, passando por aqui como corça por vindimada; mas já que assim é e lhes consentem viver fora, embora contra a lei, ao menos dêem ouvidos aos clamores do povo sofredor e pagante.

Não se limita o desleixo a este importante centro, mas estende-se a todas as coisas municipais: as freguesias de Goães e Bouro (terra natal do Senhor Presidente), deixarão de ter luz eléctrica nos próximos anos, devido a actos negligentes da Câmara, pois deixou caducar um contrato que prejudicou o Concelho em algumas centenas de contos; a freguesia de Prozele, quando da inauguração da sua escola e na presença de Sua Ex.ª o Senhor Governador Civil, em público e pelo microfone, pediu uma estrada e a energia eléctrica, falando assim: «a 300 metros do centro mais importante do concelho e da rede de distribuição eléctrica, não temos uma estrada nem luz... somos a mais infeliz de todas as freguesias», mas mesmo assim nada recebeu, e vai no próximo dia 2 fazer um pedtório para recolher dinheiro e géneros para levar a luz à freguesia, que há vinte anos espera em vão; a Junta de Turismo de Caldelas, tendo participado pelo Estado uma obra de captação de água para as Termas, a Câmara fez chamar a si o encargo da obra, acabando por perder a participação e não a fazer. Que tal?

Perante este sudário, leitor amigo, não julgue que em contra partida há qualquer coisa feita, mas apenas estas coisas a assinalar 12 anos, longos e penosos de inércia. Nunca houve um cortejo de oferendas apesar de não termos hospital, nem creche, nem asilo, nem nada... vege ta-se!

Temos porém abundantes legados para o efeito, que permanecem estéreis.

É um concelho cheio de belezas e de possibilidades, que agoniza!

Quousque tandem, Catilina?

(Continuação da 1.ª página)

ter uma palavra de reprovação que tanto toma a forma de admiração como zombeteira perante o sonho do general que tomou uma mariposa por um avião e uma folha de papel de prosa inofensiva por uma proclamação.

Nem D. Quixote, Catilina, arranhou, em sua vida, tamanha travoada de riso.

Cada um interroga-se grageador e zombeteiro perante a comédia hilariante que lhe ofereceram neste dois primeiros dias desta semana de sol primaveril e lembra a apóstrofe de Cícero contra Catilina:

Até quando...?

Desta vez a coisa é irrisória. Não fere a dignidade nem a hombridade de quem quer que

Album de coisas várias

(Continuação da 6.ª página)

hora a hora, se está prestando a Santos da Cunha.

E eu quero ser, no meio desse Povo, a voz mais silenciosa, para que mais digna e justa seja a homenagem que lhe estou prestando dia a dia, hora a hora, que não posso, porque não sei, atirar para fóra do coração.

J. M. (J.)

O Topónimo "Bouro"

(Continuação da 1.ª página)

maninho (da serra, e a de Bouro teve uma enorme extensão de quilómetros nestas condições, que foi a razão de ser do seu povoamento florestal)—monte em que pastavam garranos.

O mesmo étimo para *manada*—rebanho de gado graúdo.

Conformo-me com todas as opiniões que não ferem nem escandalizam; e, se o erudito Gomes Pereira não emiteu opinião sobre Bouro no seu sucinto, seguro opúsculo, não tenho culpa, quanto a mim adotei aquele, pela lógica e naturalidade que lhe encontro, além do paralelo em que está com os restantes que apontei.

Há outros lugares com o nome de Bouro: um é na freguesia de Lagora se eu não havia de conhecê-lo; outro na linha de oeste—até dá nome a uma pequena estação da C. P.

Lá chegaremos a fazer-lhes qualquer referência.

Quando cedi a um impulso de entusiasmo e compreensível boa vontade, ao mesmo tempo de sacrifício que poucos compreenderão, da parte dos editores da "Tribuna Livre", para que se publicasse pouco a pou-

seja. Desta vez é um abuso à paciência e só prova o desnoramento a que se chegou, insensível ao ridículo, à troça e ao riso.

Quousque tandem...? Até quando... Catilina, abusarás da nossa paciência?

Postais de Paradelo do Rio

traduz nisto:

— "Todos bem e a caminho de melhores dias. A breve espaço esperamos ansiosamente abraçar-vos. Preparai o nosso e vosso Natal!"

— Terminaram os trabalhos do Túnel e das Montagens do 4.º Grupo

Já se produz a "Fio de Agua". A monumental Barragem, a maior do mundo no género enrocamento, prossegue activamente. Já deixa um vislumbre da sua grandiosidade.

— Já se voltaram para os Pisões—o 5.º Escalão de Obras, e nos Rios Cávado e Rabagão—as actividades futuras.

Agora seguirá, de conjunto com o acabamento desta Barragem, a Obra do Alto Cávado e a de Pisões.

— No próximo dia dezoito a HICA proporciona a sua festa das crianças e pobrezinhos. Serão amados e contemplados os peizes do pessoal da Empresa e dos Empreiteiros, e bem assim as crianças e os pobrezinhos da população citadina.

Da festa consta:— Distribuição de um lanche, brinquedos e agasalhos. Sessões de Teatro Infantil e Cinematográfica, etc.

— A dentro das actividades do "Centro de Alegria do Trabalho do Pessoal da Idro Eléctrica do Cávado" "(C. A. T. da HICA), teremos para a quadra festiva que se aproxima um Concurso Literário, com valiosos prémios, em despique inter-sócios, e sob o tema "A Festa do Natal,..."

E para hoje basta. Mantemos a esperança de, através desta correspondência, manifestarmos a tempo uma reportagem condigna para a Festa de Natal.

E porque não?!

— Até lá! Renovam-se as saudações dos vossos amigos e conterrâneos.

B. Ribeiro

rostos. O caso é que os alpinistas que haviam claramente subido muito acima daquela região, além de demonstrarem ótima condição física, nem sequer estavam ofegantes como eles, apesar de conterem ambos visivelmente mais do que 60 anos cada um. «Acho que não somos tão bons alpinistas quanto pensávamos.» suspirou Spencer Tracy quando ele e Bob começaram a pénosa descida.

ALFAIATARIA "BELCORTE"

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confecciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA
CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE,"

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARES

As Abelhas

A mãe comum

Por Avlis

(Continuação do número anterior)

Amando uma fêmea-mãe morre, as obreiras conservam os machos durante o inverno.

Portanto, uma colmeia que conservar os machos quando nas outras foram destruídos, é sinal de que está orfã, de que lhe morreu a mãe ou rainha não tendo deixado criação em estado de fazerem nova fêmea fecunda. Neste caso é preciso acudir-lhe, fornecendo-lhe favos com criação e ovos de que as obreiras possam transformar em rainhas; no caso da colmeia orfã estar desfalcada de obreiras, o melhor processo, é juntá-las a outra colmeia.

Pode-se proceder artificialmente à supressão dos machos, agarrando-os em pequenas armadilhas, mas isto é de pouca importância, pois como já se disse, as obreiras sabem, sem compaixão, desfazer-se d'elles quando assim lhes é preciso, e incomodam-se muito com os obstáculos que lhes não permitem fácil acesso à colmeia. Nem todos os autores são concordes porém, relativamente à inutilidade das zangões depois da fecundação da fêmea-mãe.

Frarière, no seu traité de L'Éducation des Abeilles, escreve a respeito dos zangões:

Sabe-se hoje que todas as abelhas obreiras são de sexo feminino, e que todas possuem ovários; em virtude de um atrofiamento propositado, estes ovários não tiveram o desenvolvimento necessário para produzir ovos; mas pode-se concluir disto, que, como se tem acreditado pelas mil e uma experiências até hoje, elas são insensíveis ao sentimento do amor comum a todas as criaturas?

Com as últimas observações que pude concluir, contradizem completamente esta opinião, e considero certo que na época em que se vê um tão grande número de machos as obreiras, na maior parte pelo menos, copulam com eles, em pleno ar, a pesar da especial disposição orgânica das obreiras tornar esta cópula completamente inútil. Só depois que estas viagens aéreas cessarem é que as obreiras experimentam a necessidade de se desfazerem de sêres, que para elas, já não tem atractivos; é então que para elas se atiram com furor sobre tudo quanto é do sexo proscrito, mesmo sobre as larvas, ninfas e até ovos que deviam produzir zangões. Meu inteligente apicultor do Uruguay, Sr. E. Parod, comunicava, não há muito, ao apicultor, as suas seguintes observações sobre o papel dos machos nas colmeias: Eu considerava os zangões, como muitos apicultores, simples comedores de mel, que fora da sua principal função, não serviam para mais nada; a prática auxiliada pela observação, provou-me, porém, o contrário.

Possuindo umas poucas de colmeias apróximadamente com a mesma população e força, dividi-as em duas metades.

Na primeira metade coloquei armadilhas para caçar zangões, e a outra deixei-a completamente livre; a balança da colheita inclinou-se fortemente para o lado desta última com notável diferença.

Além disto vi, em uma colmeia vidrada pelos quatro lados, não só uma vez, mas muitas os zangões, na mesma posição que as obreiras, todos no mesmo sentido fazendo a mesma manobra com as patas sobre o mel operculado.

Donde concluo que não serve para causa alguma, pelo menos nesta região, suprimir os machos, porque cada insecto a meu ver, desempenha o papel que lhe foi estabelecido por Deus na natureza. Demais a coloração das referidas armadilhas para a apanha de zangões à entrada das colmeias, é um obstáculo desagradabilíssimo para as obreiras.

Para Olivier des Serres, os zangões desempenham o papel de abelhas chocadeiras em virtude do grande calor que possuem dada a corpulência superior ao das obreiras. Apesar de os termos visto repetidas vezes nos favos de criação juntamente com as obreiras, não nos parece que desempenhem o mesmo papel que elas pois os machos só vivem na época do ano em que o calor é pouco preciso nas colmeias. Parece também que, na força do calor, auxiliam as obreiras na tarefa da ventilação; nisto não fazem mais do que em proveito próprio dar à habitação comum uma temperatura mais agradável e evitar que, com um demasiado aquecimento da colmeia, a cera dos alvéolos comece a derreter, perdendo-se o mel já armazenado e criação. O que é inquestionável é que como diz Derosne, a surpreendente multiplicidade dos machos servem para mostrar a profusão imoderada com que a natureza acumula os gérmenes para assegurar a conservação das espécies. E como a fecundação da fêmea-mãe é feita no ar, é importante que possa encontrar, de

(Continuação da 1.ª página)

tempo, por sobrenome, «Longa Espada».

Pareceu a el-rei, e aos seus, que lhes acudia o Céu com socorro: mandou-lhe dar conta do estado em que se encontrava, e lembrou-lhe, quão honroso emprego seria para tão famosa armada ajudar-lhe a ganhar aquela cidade; e já que iam em busca de infieis tão longe de suas casas, não seria razão deixar quietos aqueles que tão perto deles faziam contínua guerra a seus irmãos, visto que a conquista era fácil e a honra grande de poderem dizer lá na Síria, que antes de saltarem em terra iam já conquistadores de infieis.

Foi fácil de persuadir o valoroso cavaleiro. Entra no rio Tejo, lança sua gente em terra, fortifica-se da parte ocidental, por toda aquela tropa, desde o convento de S. Francisco até ao mar. Começou um porfiado cerco. A desesperação creava forças e esforços nos cercados, defendiam-se e ofendiam denodadamente; morriam muitos de ambos os lados, e dos nossos, assim naturais como estrangeiros, como acometedores e mais expostos ao perigo, que pelevavam de lugar descoberto, era sempre maior o número. (Bendita morte, que aos mortos passava em um momento a gozos eternos, laureados de glorioso sangue; e nos vivos, acendia a inveja, e dobrava o ânimo.)

Mártires os chamavam os companheiros e por mártires os veneravam e foi comum

pronto, um macho que a fecunde, por isso que sendo maior que as obreiras e de voo mais pesado se fosse obrigada a sair muitas vezes, estava mais sujeita a ser apanhada pelas inúmeras aves insectivoras ou morta por qualquer intempérie, o que mesmo assim não é raro acontecer, assim se justifica a razão porque quando as obreiras se apercebem de que a fêmea mãe está fraca ou morre por qualquer razão, havendo ovos elas fazem mais do que uma fêmea-mãe para efeito de subrecolente no caso da primeira não chegar à colmeia depois de fecundada.

Conheça a vida das abelhas e sua utilidade, através deste semanário.

D. Frei Bartolomeu dos Mártires

acordo de ambos os campos dar-lhes memória e lugar sagrado dentro dos seus alojamentos.

Começou el-rei a igreja de S. Vicente.

Fundaram os estrangeiros a de N.ª Senhora, chamando-lhe dos Mártires, para quem se fez.

* * *

Nesta freguesia foram moradores Domingos Fernandes e D. Maria Correia, sua esposa, nascidos ambos na freguesia de N.ª Sra da Assumpção de Via Longa, do lugar de Verdella, concelho dos Olivais.

Viviam abastados de bens da terra e não menos do Céu, porque eram muito virtuosos, devotos e dotados duma particular inclinação de partir o seu com os pobres. Esta singular virtude de caridade lhe quiz N.ª Sra. pagar dando-lhes um filho tal, que fosse extremo nela, honra e alegria d'elles.

No mês de Maio de 1514, reinando em Portugal el-rei D. Manuel e presidindo na igreja de Deus o Papa Leão X, D.ª Maria Correia deu à luz um filho, que baptizaram na sua igreja e freguesia, a que chamaram Bartolomeu.

Conta-se que fugindo à peste de que então era acometida Lisboa, a mãe deste tão ditoso menino, foi para Oeiras.

Era sobre a tarde, tinha-o nos braços à porta de casa, chegou-se um pobre pedin-lhe uma esmola, enquanto lha mandava dar foi causa de espanto.

Encara o pobre todo risinho e alegre, festejando-o com as mãozinhas como se fora um dos mais conhecidos da casa.

Dada a esmola, disse o pobre à mãe, que creasse com muito cuidado aquele menino, e em sendo maior o encaminhasse para as letras, porque lhe fazia saber que nelas seria eminente e, mais tarde, viria a ser um grande homem na igreja de Deus.

Mais tarde, em saindo das mantilhas, o seu maior gosto

era que o levassem à igreja e nela a sua vida era andar de altar em altar, parando com atenção a cada imagem e reverenciando a todas.

Na infância, os brinquedos, os jogos e passatempos, parecia que a natureza o creara isento da inclinação deles. — Era envergonhado e encolhido. Passava semanas inteiras a ler e a escrever. Ao domingo e dias Santos, não faltava à igreja dos Mártires, e nela assistia toda a manhã com alegria e espírito.

Cêdo foi estudar e ainda não tinha 15 anos e já era valente gramático. No dia de S. Martinho de 1528, encontrando-se no convento sentiu um grande desejo de deixar o mundo e seguir a vida religiosa; fala com o prior que era Frei Jorge Vogado, que fora confessor e pregador de el-rei D. Manuel, o prior experimenta-o convenientemente e obtem a melhor impressão e logo no mesmo dia lhe lança o hábito com tanta consolação do noviço que não podia crer o que via. Tomou na profissão o apelido de Vale em memória de seu avô, mas pouco depois o troca por o de Mártires em reconhecimento do benefício que recebera na igreja de N.ª Sra dos Mártires, onde fora baptizado.

O seu jejum era mais estreito, a sua disciplina mais rigorosa, o silêncio inviolável e para que o sono lhe não pegasse, ele tinha uma escudela de água à cabeceira para refrescar os olhos.

Para o estudo era tam grande a vontade e inteligência que possuía, que dentro em pouco já era um grande teólogo.

Passado pouco tempo era leitor de artes do colégio de Lisboa, instituído por el-rei D. Manuel.

Em Évora teve por discípulos, D. António Prior do Crato, Diogo do Couto, continuador das décadas de Barros; ainda residia em Évora, quando foi eleito prior do convento de Bemfica onde foi recebido com grande solenidade e agrado do povo.

(Continua) Luiz de Sousa

MOMENTO DO AMOR

Mesmo de longe eu sei que ainda te quero
Com a mesma ânsia que te quiz outrora;
Esta saudade que em meu peito móra
Cada vez mais transforma o desespero.

Se um lenetivo, lendo Homero,
Este amor dentro d'alma se afervora,
Meu coração é o cofre de Pandora
Onde a esperança está com todo o esmero.

Tu és ainda a virgem predilecta
Do meu sonho incontido de poeta;
E amar-te é tudo o quanto tenho feito.

És a estrela que fulge noite e dia:
Olvidar-te jamais eu poderia
Pois tua imagem vive sempre no meu peito.

MAJJ.

OFICINA DE SERRALHARIA CIVIL E ARTISTICA

DE

ARTUR DA CUNHA CRUZ

SOLDADURAS AUTOGÉNEO E ELÉCTRICA

DESDE O TRABALHO MAIS PERFEITO

ATÉ AO CONSERTO MAIS RÁPIDO E SEGURO

Telefone, p. f. 62113

Feira Nova

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

tos, verifica-se, que quase todos os mosteiros e muitas igrejas de Entre-Minho e Douro, como Rendufe, Bouro, Tibães, Adaúfe, Braga, S. Salvador de Souto, Vilar de Frades, S. Bento da Várzea, S. João do Campo, S. Miguel de Prado, S. Pedro de Este, S. João de Coucieiro, S. Martinho de Crasto, Refojos, Hospitalários, Templários, S. Julião de Parada, e outros em menor escala, já a este tempo (1220) possuíam avultado número de casais nestas freguesias do antigo Julgado de Bouro, encontrando-se na dianteira, a ponto de atingir 14 ou 15 casais na mesma freguesia, o mosteiro de Rendufe.

As concordatas e leis de amortização, do tempo de D. Dinis, puseram cõbro a tal estado de coisas, que só prejudicou o fim para que foram instituídas.

Efectivamente, a rápida e excessiva acumulação de bens temporais em poder das ordens religiosas e militares, por vezes o mau uso deles, suscitou-lhes a malquerença dos reis e dos povos; e haja vista, a tal respeito, o trágico fim da gloriosa ordem do Templo, condenada mais pela cobiça das suas enormes riquezas, por parte de Filipe IV de França, que pelo descrédito da instituição.

Enfim, facilmente se concluiu que era muito fraco e reduzido o cultivo directo do solo, sobretudo pelos fortes motivos da guerra, das correrias e devastações periódicas, com que se mimoseavam cristãos e infiéis, talando as searas e os campos inimigos.

Tinham por conseguinte os povos, como principais fontes de recurso e de receita, os frutos espontâneos, os animais domésticos, os rebanhos, a caça e a pesca; e daí para cá tudo evoluiu mui profundamente, na base da consolidação e posse da terra e no sentido da sua cada vez mais completa exploração e melhor aproveitamento das suas riquezas, consoante o progresso e desenvolvimento das populações.

De muitos hábitos e tradições, muitos chegaram aos nossos tempos, com muitas tendências a desaparecerem inteiramente diante do desenfreado modernismo deste século.

Só a Igreja, naturalmente mais conservadora e imutável em seus princípios irredutíveis, ainda tem de tudo isto os seus notáveis vestígios e sobrevivências, nos seus «juizes, mordomos e zeladores,» encarregados da recolha de dádivas e esmolas para o culto, celebrações e solenidades, em relação ao Senhor do Céu e da Terra, cuja política é invariável.

Poderá ainda constatar-se o uso, por parte de nossos pais e avós, de muitas dessas antigas medidas de peso e de capacidade, que exactamente nesta nossa época pode considerar-se, dado a rápido esquecimento, sob o influxo do moderno sistema métrico da escola nova.

Da *anúduva*, por que se remia a *peonagem*, obrigada a trabalhar gratuitamente na construção dos castelos e edifícios públicos; e do *foro cabaneiro*, dos que constituíam a última classe do povo, não se descobrem por estes sítios quaisquer indícios, sintoma de que a seguir à nobreza só havia os cavaleiros vilãos.

Dos brios e cavalheirismo destes povos são realmente testemunho as crónicas de tempos idos, a referir o lustre e elegância de jogos equestres, de vistosas cavalgadas com jogos de canas e voltejos, como os que descreve Montebelo e tiveram lugar quando da visita dos infantes D. Henrique, então arcebispo de Braga e depois cardeal-rei, D. Luís duque de Beja e seu irmão D. Fernando, à Casa de Castro de Carracedo, afim de assistirem ao baptisado de Francisco Machado, primogénito de Manuel Machado de Azevedo, senhor de Entre Homem e Cávado e cunhado de Sá de Miranda, cerimónia de que o primeiro foi celebrante e o segundo padrinho; como as luzidas cavalarias e esplêndidas encamisadas que Correia e Alvarenga traz na sua *Braga triunfante*, por ocasião da posse do arcebispo D. José de Bragança; como ainda em nossos dias, esses galhardos cavaleiros de mercados e romarias, pelas feiras de ano, S. Sebastião e S. João, concorriam a exhibirem-se, no bom ensinamento de ginetes e hancaneias, com sua escola de trotes, galopes e picarias, já num expirar de longas tradições, que a epidemia da máquina e do motor, com o notável desenvolvimento dos processos de viação, extinguiu de repente.

Parecendo indiferentes, em meio de seus trabalhos, aos desígnios e rumos da política dos governos, sempre que a Pátria esteve em perigo, largaram em meio do campo o arado e a enxada e, a exemplo de essoutro Cincinato romano, correram às armas, a deitar mão dos piques, das lanças e partazanas com que esperaram os invasores da Portela, nas guerras de D. João I, sob as ordens do dom abade de Bouro; ou valeram-se de toda a espécie de armas, de chuços e de roçadoiras com que dizimaram as retaguardas do exército de Soult, de conjunto com as milícias de Rendufe.

(Continua no próximo número)

CALENDÁRIO

1—SÁBADO: Santo Eloi
2—DOMINGO: S. Bibiana. S. Nonno.
3—SEGUNDA: S. Francisco Xavier.
4—TERÇA: S. Pedro Crisólogo (b.c.dr.) e S. Bárbara.
5—QUARTA: S. Geralde, arcebispo de Braga e padroeiro da Cidade. S. Sabas e S. Cristina.
6—QUINTA: S. Nicolau (b.c.) S. Leonia.
7—SEXTA: S. Ambrósio (bc.dr.), Vigília da Imaculada Conceição.

ARES DE PARADELA DO RIO

--Há motivos para reflectir!

Ignoro o número dos meus leitores e não sei ainda se estas linhas chegam a merecer a luz da publicidade.

Se publicadas forem e houver mercê de leitura, estaremos já em Dezembro.

—Dezembro!—o mês de inverno, gélido, cheio de preocupações... o mês do Natal.

—Natal!—a mais festiva das festivas quadras do ano litúrgico, a festa santificada com o nascimento de um Deus Redentor que veio reunir o mundo, salvá-lo e dar-lhe o exemplo.

—Dezembro-Natal!—a época que alberga sólidas e doces alegrias, as maiores familiaridades, santas recordações, sérios motivos de pura Caridade!

É nestas duas exclamativas deixo suspensa a razão de ser da epígrafe que escolhi.

* * *

Comemora-se sempre o Natal com afanosa preparação e com aturada antecedência. Ensaiam-se etiquetas, esboçam-se amistosos convites, fazem-se redopiar os serviços postais em mil desejos de prosperidades e carradas de mentiras com uma simples e barata franquia dos Correios, inventam-se hipocorísticos e cerimónias desprovidas tantas vezes do mínimo de sinceridade e de vergonha!...

Os ricos e remediados, como também os menos pobres dos pobres, fazem alfofre de iguarias, de presentes adredes, de brinquedos e carinhos infantis. A noite da Ceia, da Ceia da Noite Santa do Natal, em alguns lares chega mesmo a parecer uma noite de Carnaval!

A Festa do Natal, quando bem viva e bem vivida, não deixa reinar a algidez do tempo. Há calor nos corpos e nas almas.

Mas... há quem assim não pense, que também há quem nada disto sinta... Ficaram de fora os mais pobres dos pobres!—Esses não preparam nada, não fazem ensaios, não sobre-carregam os serviços de Correio... Para eles não há uma festa lauta, não há uma festa de completa e sã alegria, já que esta é comum de todos e bem poucos a disfrutam!

Nos caminhos, nas ruas e pracinhas, nas lojas e bazares, como nos abundantes merca-

Album de coisas várias

Por circunstâncias que não importa apontar fui convidado a colaborar na Revista «Bracara Augusta», que é uma feliz e importante edição cultural da Câmara Municipal de Braga, e da qual são Directores o Dr. Sérgio da Silva Pinto e José Constantino Ribeiro Coelho.

Tive, assim, ocasião, dada a natureza do trabalho que me solicitaram, de me debruçar por sobre os acontecimentos memoráveis que se viveram em Braga, no ano de 1955. Foram muitos e grandiosos esses momentos, essas datas que justificam o desenvolvimento cultural e cidadão operado na nossa terra. E eu fico-me a pensar que tal conteúdo de valor, que tal panorama não atingiria o relevo que tem, se nos destinos da Edilidade Bracarense não estivesse um António Maria Santos da Cunha.

Eu já disse algures, e creio que na primeira vez que me referi ao Presidente do Município de Braga, que nunca serei capaz de traduzir em palavras o que a respeito desse Homem Público desejaria escrever. O pensamento aperta-se-me como a voz na garganta em momento de emoção, sempre que tenho procurado lançar-lhe a minha humilíssima homenagem. E sei que tal me ficará eternamente guardado no coração, por carência de palavra, por importância de inteligência. E continuo, assim, só, com esse sentimento de respeito pelo Homem a quem devoto a maior das venerações.

* * *

Apenas sei que António Maria Santos da Cunha é o Homem, o Cidadão, o Político de que Braga estava precisando e precisa. Não pretendo fazer propaganda sobre a sua personalidade, acerca da sua Obra. Eu não tenho culpa que ele seja o valor e a capacidade que é. Eu não tenho culpa se a riqueza do seu espírito e a visão larga da sua inteligência tenha imposto, ao respeito e justiça de todos, a magnificente estatura duma Obra que é uma verdadeira Obra protótipo dos princípios mais belos e renovadores que orientam a política nacional.

Admiro António Maria Santos da Cunha porque não posso deixar de ser honesto. Ou talvez porque não tenha interesses políticos ou lugares sociais de baixo de olho. E admiro-o na medida em que eu mais me sinto incapaz de lhe traçar um elogio perante a sombra enorme do seu vulto amigo que o povo bracarense, aqui e por outras terras, outros países e outras nações, ama e venera na erupção dum estado de alma e coração que é, pela sua simplicidade e humanidade, a maior das homenagens que, dia a dia,

(Continua na 4.ª página)

celsis Deo, ecoe por todo o mundo; que todo o orbe seja Belém, para que verdadeiramente se complete a saudação angélica com o «*et in terra pax hominibus*»—e paz na terra aos homens de boa vontade!

Paradela do Rio, crepúsculo de Novembro de 1956

Bernardino Ribeiro

Oxalá que o canto angélico do Presépio, o «*Gloria in ex-*